

A reestruturação da Colônia

Ocupação holandesa



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de e outros. *Atlas histórico*

Boris Fausto divide a presença dos holandeses em três períodos aqui no Brasil:

1630 - 1637 -> Guerra de resistência

1637 - 1644 -> período de relativa paz (governo de Maurício de Nassau)

1645-1654 -> Guerras de expulsão dos holandeses do Brasil

- 1630 – 1637 Guerras de Resistência

- Como já vimos, o ataque a Pernambuco se iniciou em 1630, com a conquista de Olinda.

- Neste primeiro período, travou-se uma guerra de resistência, que terminou com a afirmação do poder holandês sobre toda a região compreendida entre o Ceará e o rio São Francisco.

- É desse contexto a participação de Domingos Fernandes Calabar, nascido em Porto Calvo (Alagoas), perfeito conhecedor do terreno onde se tratavam os combates.

- Calabar passou das forças luso-brasileiras para as holandesas, tornando-se um eficaz colaborador destas, até ser preso e executado.

1637 - 1644

- Para Boris Fausto, este período se caracteriza por uma relativa paz, relacionada com o governo do príncipe holandês Maurício de Nassau.

- Nassau, tendo como objetivo o fim da estagnação da economia, mandou vender a crédito os engenhos abandonados pelos donos que haviam fugido para a Bahia.

- Além disso, preocupou-se em enfrentar as crises de abastecimento, obrigando os proprietários de terra a plantar (na proporção do número de escravizados) mandioca.

- Mesmo sendo calvinista, o príncipe propôs a tolerância religiosa com católicos e judeus.

- Culturalmente, foi um período importante, pois Nassau favoreceu a vinda de muitos “letrados” e artistas, como Frans Post.

- Foi ainda no governo de Maurício de Nassau que a cidade de Recife foi reurbanizada.

- No livro *Brasil, uma biografia*, as autoras citam o caráter contraditório da administração de Nassau que retornou à Holanda em 1644. Para elas, a volta do príncipe administrador coincide com o início da decadência do “Brasil holandês”.

A restauração em 1640

- É importante entendermos o processo de restauração do trono português, fato que pôs fim à União Ibérica (1580-1640).

- A restauração, ocorrida em 1640, não foi uma insurreição de cunho popular. **Três anos antes (1637)** houve uma tentativa de rebelião vinda do povo: os camponeses protestavam contra os tributos que a união com a Espanha impunha sobre eles. Porém, não houve apoio por parte dos proprietários de terras que temiam que rebeliões populares pusessem em risco seus privilégios.

- Apesar de, em 1640, o movimento de independência de Portugal não ser essencialmente popular, as camadas mais populares queriam a restauração do trono português.

- Surgiu em Portugal um tipo de “nacionalismo messiânico”, baseado nas façanhas heroicas do rei desaparecido (D. Sebastião). Esperava-se que o Messias real retornasse a qualquer momento do Marrocos para livrar o povo de seus sofrimentos.

- No entanto, a revolta da nobreza de Portugal não se deu por qualquer sentimento de nacionalismo cultural da alta sociedade. Foi a crise econômica do século XVII que minou a aceitação da união espanhola. E não foi algo unânime.

- A crise geral da Península Ibérica começou a ser sentida após 1620, quando a riqueza espanhola estava sendo gradualmente reduzida por causa do declínio na produção da prata colonial. Os problemas relacionados à crise foram sentidos por parte dos nobres portugueses (inclusive em forma de cobrança de impostos).

- A nobreza não era a única rebelde relutante no Portugal do século XVII. A classe média urbana de Lisboa também estava dividida quanto a suas atitudes em relação ao regime separatista.

- A Igreja Católica também se viu diante de um grande dilema.

- Todas essas questões demonstram que a revolta portuguesa de 1640 não pode ser simplesmente interpretada como uma luta interna pelo poder em um canto da Península Ibérica que, inesperadamente, resultou no surgimento de um Estado Independente. A revolução ocorreu em meio a uma das maiores transformações da Europa, dentro do contexto da Guerra dos Trinta Anos, a ascensão da França Moderna e a Revolução Inglesa.

- Todas as ocorrências citadas influenciaram diretamente a longa tentativa portuguesa de separar-se da Espanha, possibilitando a ascensão de João IV, da dinastia Bragança ao poder.

- Assim que assumiu o trono, D. João IV assinou uma trégua de dez anos com as Províncias Unidas (Holanda).

- Essa trégua vigorou apenas na Europa. No Mundo Colonial, a guerra entre holandeses e luso-brasileiros seguiria seu curso.

- Em 1644, quando Nassau deixou Pernambuco, o domínio da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil começou a deteriorar rapidamente.

“Se a restauração da monarquia em Portugal, em 1640, renovou o alento dos moradores luso-brasileiros da Nova Holanda e dos exilados da Bahia, a trégua de dez anos agravou a crise financeira da Companhia”.

Guerras de Reconquista do Brasil (1645-1654)

- O principal centro da revolta contra a presença holandesa localizou-se em Pernambuco, onde se destacaram as figuras de André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, além de Henrique Dias e Filipe Camarão.

- A guerra durou anos e foi muito violenta. Enquanto os revoltosos dominavam o interior, Recife permanecia em mãos holandesas.

- Somente com a Batalha de Guararapes (1648 e 1649) é que a situação começou a mudar.

- A Companhia das Índias Ocidentais entrou em crise e na Holanda havia aqueles que defendiam uma paz com Portugal.

- A expulsão dos holandeses impulsionou o nativismo pernambucano. Ao longo de duzentos anos, até a Revolução Praieira (1848), Pernambuco tornou-se um centro de manifestações de autonomia, de independência e de aberta revolta.

- Usando como referencial a pergunta feita por Boris Fausto em seu livro, também podemos pensar: “o destino do país seria diferente se tivesse ficado nas mãos da Holanda e não de Portugal?” (FAUSTO, 2013. PÁG.79)

“Não há uma resposta segura para essa questão, pois ela envolve uma conjectura, uma possibilidade que não se tornou real. Quando se compara o governo de Nassau com a rudeza lusa e a natureza muitas vezes predatória de sua colonização, a resposta parece ser positiva. Mas, convém lembrar que Nassau representava apenas uma tendência e a Companhia das Índias Ocidentais outra, mais próxima do estilo do empreendimento colonial português. Vista a questão sob esse ângulo, e quando se constata o que aconteceu nas colônias holandesas da Ásia e das Antilhas, as dúvidas crescem. A colonização dependeu menos da nacionalidade do colonizado e mais do tipo de colonização implando. Os ingleses, por exemplo, estabeleceram colônias bem diversas nos Estados Unidos e na Jamaica. Nas mãos de portugueses ou holandeses, com matizes certamente diversos, o Brasil teria mantido a mesma condição de colônia de exploração integrada no sistema colonial.”

O pós-guerra

- Anos de guerra deixaram um rastro de devastação e coube aos moradores a tarefa (ingrata) de reconstruir a colônia.
- Depois da expulsão dos holandeses foi preciso recolonizar toda a região de Olinda.
- Além do alto valor dos impostos (que foram sendo criados durante a guerra), o declínio no preço do açúcar agravou o quadro.
- O Brasil permanecia nas mãos dos portugueses, mas somente em 1661 Portugal e os Países Baixos chegaram a um acordo a respeito da indenização a ser paga pela restituição do Nordeste.
- Os ataques ao império ultramarino português só cessaram em 1663, após a conquista de Malabar

pelos holandeses. Com a perda do Oriente, a economia portuguesa passou a depender quase exclusivamente da reexportação de açúcar e tabaco do Brasil, e dos demais produtos portugueses cuja venda fornecia os recursos que pagavam pela importação de cereais, tecido e outros produtos manufaturados do norte da Europa.

Retomando o Brasil - colônia de Portugal

- Durante o período em que vigorou a monarquia dual (1580-1640) houve um momento de desenvolvimento acelerado da colônia na América segundo Adriana Lopes e Carlos Guilherme Mota.
- A expansão da agroindústria do açúcar na capitania de Pernambuco e na Bahia bem como o aumento da população colonial acabaram por criar um mercado para o fornecimento regular de mantimentos e animais de tração.
- A guerra contra a ocupação do Nordeste pelos holandeses provocou, num primeiro momento, a redistribuição dos habitantes desse território. Houve um êxodo demográfico que beneficiou a Bahia, que se tornou o centro das operações contra os invasores assim como o Rio de Janeiro em menor escala.
- A partir de 1625, o governo-geral passa a depender, cada vez mais, das provisões que chegam do Sul.
- Um dado interessante de pensar é sobre a importância dos indígenas nas guerras contra os holandeses e na participação deles na reestruturação da colônia: *“Em fevereiro de 1625, Salvador Correia de Sá partiu para o Norte acompanhado de 100 índios e 80 brancos, recrutados nas capitanias de São Vicente e do Rio de Janeiro. Os arqueiros indígenas das aldeias dos jesuítas dessas partes fizeram grandes estragos entre as fileiras dos invasores holandeses. prova disso é que a maioria das mortes entre estes resultava de ferimentos de flechas.”* (LOPES, MOTA. 2012)

- Neste mesmo período, a vila de São Paulo tornou-se um dos principais centros produtores de mantimentos da colônia. *“As praças do Norte e Angola importam de São Paulo cal, farinha de mandioca e de trigo, milho, feijão, carnes salgadas, toucinho, linguiça, marmelada, tecidos rústicos e gibões de algodão à prova de flechas.”* (LOPES, MOTA. 2012)

- A interrupção temporária do tráfico de escravos africanos e da navegação metropolitana resultou, por sua vez, na intensificação das atividades de preação de indígenas exercida pelos habitantes da vila de Piratininga. A demanda por víveres e matalotagens estimula os predadores a partir em busca de mais braços para suas lavouras e mais cativos para efetuar o transporte das mercadorias serra acima e serra abaixo.

- Nas “capitanias de baixo” os habitantes da terra (assim chamados os indígenas) foram essenciais.

- É nesse contexto que o apresamento de indígenas se torna cada vez mais essencial.

- Muitas vezes, o trabalho era feito pelo “gentio manso” - habitante das aldeias situadas em torno da vila de Piratininga, administradas pelos padres da Companhia de Jesus.

- Os tupiniquins aldeados foram se tornando a maioria na realização das entradas, pois conheciam as trilhas e tinham um excelente senso de localização.

- Ao longo do século XVII, a escravização dos “gentios arredios” tornou-se a principal atividade dos moradores da Vila de Piratininga. Quem não participava dessas excursões, enviava algum parente. Isso quase despovoou a vila.

- Como os paulistas estavam longe dos centros de poder, puderam se dedicar ao tráfico de “gente forra”.

- Como os padres da Companhia de Jesus tinham interesse em evangelizar e aculturar o “gentio”,

começaram os enfrentamentos entre os jesuítas e os chamados bandeirantes.

- Em 1640, os jesuítas chegaram a ser expulsos do planalto de Piratininga.

A colonização do Norte

- Assim como o sul (as “Capitanias de baixo”), o Norte também teve uma existência muito diferente do Nordeste.

- A colonização ocorreu mais lentamente, a integração econômica com o mercado europeu foi precária até fins do século XVIII e o trabalho predominante foi o compulsório (com os indígenas).

- Por conta da presença francesa no Maranhão em 1612, os portugueses fundaram, em 1616, Belém. Essa foi a base de uma gradual penetração pelo rio Amazonas.

- A influência indígena foi nítida, tanto em termos numéricos, como culturais.

- A língua dominante era a língua franca, uma variante do tupi. Houve uma extensa mestiçagem da população, mesmo porque as mulheres brancas eram raras, apesar dos esforços de enviar emigrantes dos Açores para São Luís.

- A grande presença de indígenas fez do Norte um dos principais campos de atividade missionária das ordens religiosas, com os jesuítas à frente. Estima-se que, em torno de 1740, cerca de 50 mil índios viviam em aldeias jesuíticas e franciscanas. Foi importante a ação do Pe. Antônio Vieira, que chegou ao Brasil em 1653 como provincial da Ordem dos Jesuítas e desenvolveu pregação no sentido de limitar os abusos cometidos contra os índios.

- Tal como aconteceu nas capitanias de baixo, os conflitos entre representantes da Coroa, colonizadores e religiosos foram constantes na região.

- Os jesuítas eram muito visados por terem um projeto de aculturação dos indígenas que diferia dos colonizadores.

- Foram expulsos do Maranhão em 1684, voltando dois anos depois com o apoio da Coroa. Mas o equilíbrio entre missionários e colonos seria sempre precário até a expulsão definitiva dos jesuítas em 1759.

A questão escravista

A África durante o comércio negreiro

- O pesquisador Roquinaldo Ferreira, no verbete sobre a África durante o comércio negreiro (no livro Dicionário de liberdade e escravidão, da Companhia das Letras), explica que o continente africano já tinha sido afetado por várias migrações forçadas.

- Desde tempos muito antigos, vários povos africanos foram vitimados por fluxos migratórios compulsórios que conectaram a África com diversas partes do mundo (Oriente Médio, Mediterrâneo e o Oceano Índico).

- O impacto do tráfico sobre as sociedades africanas foi desigual.

- Nem todas as regiões da África Atlântica se viram forçadas a vender africanos escravizados para negociantes europeus.

- Na Costa do Marfim, por exemplo, a base do comércio eram produtos têxteis e o marfim.

- No Gabão também foi menos significativo o peso do tráfico de cativos.

- E o reino de Benim (Nigéria), serviu de base para relações comerciais até os anos 1530, depois perdeu força e só readquiriu ímpeto no século XVIII, por conta de uma guerra.

- Houve resistência às tentativas de escravização?

- Não apenas houve resistência, como é importante frisar que, "sem a resistência africana, o número de vítimas teria sido mais devastador. Desde o início, africanos escravizados se voltaram contra o tráfico de maneira sistemática, através da fuga ou de revoltas. Durante a travessia marítima, as revoltas se davam no momento em que os navios ainda estavam próximos da costa, quando havia esperança de retornar às comunidades de origem." (FERREIRA, 2018. págs. 51 e 52)

- A migração forçada de africanos foi intensificada com o início da colonização das Américas no século XVI.

- Em sua base, esteve a necessidade do colonialismo europeu de alavancar a mineração e a agricultura comercial nas colônias espanholas e portuguesas.

- É muito difícil dissociar, portanto, o tráfico atlântico da demanda por mão de obra, sobretudo depois do declínio demográfico dos povos indígenas americanos.

Os efeitos do tráfico atlântico na África

- É importante refletir sobre os efeitos do tráfico atlântico na África, pois foram "múltiplos e deletérios" (FERREIRA, 2018):

- Gerou centralização política em reinos africanos que dominaram o fornecimento de cativos para mercadores europeus na costa africana, ao mesmo tempo que promoveu fragmentação política nas comunidades escravizadas.

Dessa forma, o tráfico gerou um quadro de instabilidade sistêmica nas sociedades africanas.

- Neste aspecto, mudanças importantes vão acontecer no direito costumeiro africano: transgressões que antes eram punidas com multa ou prisão (por exemplo: roubo e adultério) passaram a ser punidos com a escravização. O mesmo aconteceu em relação a outros aspectos como "dívidas".

- O assunto não se esgota em uma única abordagem. Pelo contrário, ele é parte de uma série de outros elementos a serem debatidos ao longo da formação daquilo que chamamos de "Brasil" e sua estruturação social.

Bibliografia

WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. Trad. e notas de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Americana. 1975

SCHWARCZ, Lilia M. GOMES, Flávio. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp.

LOPES, Adriana. MOTA, Carlos Guilherme. História do Brasil, uma interpretação. São Paulo: Editora Senac.

PROENÇA, Graça. História da Arte.

Exercícios:

1. (Upe-ssa 1 2018) Observe o quadro a seguir:



"Mulher Mameluca", (*Mameluca*, 1641), óleo sobre tela do pintor dinamarquês Albert Eckhout. Museu Nacional da Dinamarca (Nationalmuseet).

Ele se propõe a retratar realisticamente uma mulher no Brasil Holandês, território ocupado pelos holandeses entre 1630 e 1654. Que elemento(s) pode(m) ser apontado(s) como não pertencente(s) a esse contexto histórico?

- A fauna, representada pelos preás.
- A flora, representada pelo cajueiro.
- A paisagem ao fundo.
- A pose e o estilo da toga usada pela mulher.
- A abundância de flores.

2. (Uece 2020) Filipe Camarão, Henrique Dias, André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira são personagens que participaram da Insurreição Pernambucana, que foi

- um movimento de oposição ao absolutismo de D. Pedro I e resultou na formação de outro país, a Confederação do Equador, durante o primeiro reinado.
- o conflito entre manifestantes a favor e contra as medidas de austeridade de D. Pedro II, em 1848, na primeira fase do segundo reinado.
- um movimento separatista pernambucano, ocorrido no período regencial, entre 1831 e 1840, e que somente foi pacificado com a ascensão de D. Pedro II ao trono.
- o conflito responsável pela expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro, no século

XVII, e que garantiu a continuidade do sistema colonial português na região.

3. (Espcex (Aman) 2019) Durante o período conhecido por União Ibérica, ocorreu o Embargo Espanhol ao comércio das colônias portuguesas com os holandeses. Isto motivou a Holanda a atacar o Nordeste brasileiro com a finalidade de romper o embargo e reativar as rotas comerciais entre o Brasil e a Europa. É fato relacionado à primeira investida dos holandeses ao Brasil, ocorrida em 08 de maio de 1624, a (o)(s)

- a) conquista de Porto Calvo por Matias de Albuquerque.
- b) ocupação de Salvador.
- c) governo de Maurício de Nassau.
- d) fundação do Arraial do Bom Jesus.
- e) Batalhas de Guararapes

4. (Acafe 2018) “É verdade que antes da união das monarquias ibéricas, em 1580, ao manter uma boa relação com os portugueses, os flamengos frequentavam os portos brasileiros e a cidade de Lisboa carregando açúcar em suas urcas, levando-o a refinar em Flandres e distribuindo-o por via terrestre e fluvial por toda a Europa central. De sua embarcação tão características, ficou a lembrança na toponímia carioca, através do morro que evoca a sua forma.”

PRIORI, Mary del. *Histórias da gente brasileira*: volume 1: colônia. São Paulo: Editora LeYa, 2016. Página 69.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o período colonial da história do Brasil é correto afirmar, **exceto**:

- a) Durante a União Ibérica, holandeses e espanhóis formaram a Companhia das Índias Ocidentais e dividiram os lucros da comercialização do açúcar produzido no Brasil e levado para a Europa.
- b) Com a União Ibérica acirraram-se os conflitos entre a Espanha e a Holanda. Com a proibição

espanhola da parceria comercial entre holandeses e produtores de açúcar no Brasil, os flamengos invadiram o nordeste.

- c) Maurício de Nassau, administrador holandês em Pernambuco, promoveu reformas urbanas e manteve uma boa relação com os senhores de engenho.
- d) A revolta conhecida como Insurreição Pernambucana acabou determinando a saída dos holandeses do nordeste brasileiro e teve como consequência uma crise na empresa açucareira brasileira.

5. (Uece 2018) O governo de Felipe I à frente do reino português (1581-1598) marcou o início da União Ibérica, período em que os dois reinos ibéricos foram governados pelo mesmo soberano, após a guerra de sucessão portuguesa. Este mesmo monarca, chamado Felipe II, na Espanha, originou a dinastia filipina.

Em relação ao Brasil, a chegada do rei espanhol ao trono português teve como consequência

- a) a elevação do Brasil a vice-reino, tal qual os demais vice-reinos que a coroa espanhola possuía na América.
- b) a ocupação do litoral brasileiro da região Sudeste, no Rio de Janeiro e em São Paulo, por espanhóis.
- c) a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido à Portugal e à Espanha, o que apressou a independência da colônia.
- d) a ocupação do litoral nordeste do Brasil pelos holandeses, que pretendiam retomar o comércio do açúcar.

Gabarito:**Resposta da questão 1:**

[D]

A pose da personagem e sua vestimenta não condizem com o Brasil colonial do século XVII. Elas se coadunam mais com a Antiguidade Clássica.

Resposta da questão 2:

[D]

A Insurreição Pernambucana foi a última fase do chamado Brasil Holandês. Foi o movimento através do qual colonos e português pegaram em armas para expulsar os holandeses do Nordeste brasileiro, depois de um período de 24 anos de presença holandesa naqueles domínios.

Resposta da questão 3:

[B]

Entre 1624 e 1625, os holandeses, através da CIA das Índias Ocidentais, tentaram invadir a Colônia brasileira a partir da Bahia, chegando a tomar posse de Salvador, sendo, depois, devidamente expulsos.

Resposta da questão 4:

[A]

Durante a União Ibérica, holandeses e espanhóis tornaram-se inimigos devido à Independência dos Países Baixos. Por conta disso, a Espanha proibiu suas colônias de fazerem comércio com os holandeses e estes, por isso, criaram a Companhia das Índias Ocidentais para invadir as colônias espanholas, incluindo o Brasil.

Resposta da questão 5:

[D]

Somente a alternativa [D] está correta. No contexto da União Ibérica, 1580-1640, a Espanha dominou Portugal e boicou o comércio do açúcar desenvolvido entre portugueses e holandeses. Como retaliação, a Holanda criou a Companhia das Índias Ocidentais invadindo a Bahia em 1624 e Pernambuco em 1630.

